

ZAPPING privado



Patrícia: vestido em seda, **Nuno Baltazar**: Luvas em pele, **Mango**, *Pumps* em pele metalizada, **Gucci**, na Stivali. António-Pedro: *blazer* em veludo *côtelé*, **Dolce & Gabbana**. Camisola de gola alta, em lã e caxemira, **Prada**. Ambos na Lojas das Meias.

Fotografia: Paulo Segadães, assistido por Bruno Grilo. Realização: Sandra Dias. Maquilhagem e cabelos: Cristina Gomes.

# Vasconcelos & Vasconcelos

SE O AMOR FOSSE SÓ ISSO, A ESTREIA DE PATRÍCIA VASCONCELOS NO CANTO, É UM DISCO CHEIO DE OUSADIAS, ONDE O PAI, O REALIZADOR ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS É LETRISTA CONVIDADO. ISTO ENQUANTO AGUARDAMOS A ESTREIA DO SEU NOVO FILME, *CALL GIRL*. Por Tiago Salazar.

**P**rimeiro, o boxe é para aqui chamado por culpa da Piaf e não da Hillary Swank ou do *Touro Enraivecido*. Patrícia Vasconcelos, a “rainha dos castings”, segundo o *rapper* Sam, the Kid, não deixa escapar um plano e, na biopic da Piaf, havia um demolidor. Os olhos de Piaf estão fixos no perfil de Marcel Cerdan, o pugilista argelino campeão do mundo, e há uma espécie de hipnose, como um corpo a entrar noutro corpo, um gigante derrotado por uma pluma. “É magnífico e terrível, porque ela sabe que não pode amá-lo, mas não pode fazer nada contra isso. Não é que eu ame por veneração, mas aquilo é amor total, caramba”, diz, de voz embargada. “Marcel foi o único homem a levar a diva ao tapete”, faz a errata António-Pedro Vasconcelos, ou APV, ou o crítico de bola e cineasta bissexto (tem na calha o filme *Call Girl*, com Soraia Chaves, Ivo Canelas e os veteranos Nicolau Breyner e Joaquim de Almeida). APV, dizíamos, pai de Patrícia e também autor de quatro das letras de *Se o Amor Fosse Só Isso*. E foi por ter ido ao tapete que se fez aos discos, a clássica expiação sentimental? “Por amor e por dor e por acreditar que se pode dar a volta sem ficar amarga.” Mas para que não haja mistificações, “a luva de boxe não é sinónimo de violência física. Não é a poética da violência. Embora eu já tenha sido vítima”, confessa. “Vítima? Não gosto dessa palavra, ‘vítima’. Cheira a coisa beata, a chichote”, interrompe APV. “Então, corrijo. Eu, mulher de 40 anos feitos (e mais um) fui atingida por essa violência psicológica chamada separação, divórcio, corte, ruptura. Mas já passou. Daí a ideia de que o amor não é só isso, uma batalha, uma coisa de ringue. Há vida depois de um divórcio.” Espantar os males a cantar, é isso? “Espantar e divertir-me a passar o espanador na dor. Porém, todavia, contudo, o disco não é uma brincadeira de uma senhora gaja que decide aliviar as dores a gravar a discos.”

É, de facto, um objecto amadurecido e com músicos de excepção – Miguel Cintra, na bateria, Diogo Dias, no contrabaixo, Nanu Figueiredo, na guitarra, teclas e *sampler*, Fernando Guiomar, na guitarra, Afonso Malão, no piano, e Miroslava Takova, no violino.

Patrícia faz o *rewind*. “O disco nasceu há dois anos, quando conheci o Nanu. Fascinou-me musicalmente e também por

ser uma ‘brasa’. É sempre agradável trabalhar com um homem bonito. Desafiei-o para fazer o disco e tivemos seis meses à procura do género musical. Fomos da Ima Sumak à Natasha Atlas. Demos a volta à música em 80 mundos.” Depois, há o APV, o letrista-mor e uma espécie de Boris Vian (enquanto letrista compulsivo), que se revê no Haydn, a quem um dia perguntaram por que nunca tinha feito um quinteto, ao que ele respondeu “porque ninguém me pediu”.

E é um disco em louvor das mulheres maduras? “Nunca pensei nisso. O Paul Simon dizia ‘eu não envelheço, eu amadureço’. Há dias, ouvi o Rui Veloso lamentar os seus 50 anos e o Ivan Lins, ao lado, a dizer ‘já vou nos 62’ como se estivesse a celebrar os 18. Talvez venha das minhas muitas viagens [viveu uns anos no Zaire, outros em

“O mais importante é continuarmos a sentir-nos putos e daí podermos entrar nessa aventura.”

ANTÓNIO-PEDRO

Zagreb...], talvez da atitude, como agora se diz. Por exemplo, eu contrariei as regras da estabilidade e decidi trocar o estatuto de esposa e mãe pelo de artista ou lá o que seja isso de ser artista.” António-Pedro entra ao barulho. “O mais importante é continuarmos a sentir-nos putos e daí podermos entrar nestas aventuras. Não ficarmos ressequidos nem amargos. É difícil. Então em Portugal, em que não se pode fazer nada fora de contexto que não nos caiam logo em cima, a pôr carimbos. Este disco da Patrícia é de um grande atrevimento. Corre riscos calculados. Não é uma coisa leviana.”

**e** é de um grande sentido de humor juntar a Milú, com a sua voz antiquada (e “a primeira *star* do cinema português”), com o iconoclasta *rapper* Sam, the Kid. “Já agora, a história do *rock* revivalista é muito engraçada. Não tinha nada de *rock*. Foi a única letra que disse ‘quero tentar escrever’. Ao contrário do nacional cataclismo, não me deu para o fado. Antes de ser *rock*, era uma balada. Acabou por não dar uma letra, mas tinha algumas frases que me diziam muito. Do

género: ‘Por que me queres magoar se só guardo as boas recordações? O rancor é um R a mais na vida.’ Depois, ficou um *rock*, uma coisa rasgada”, explica Patrícia Vasconcelos.

**j**á há quem lhe chame uma seguidora da Anamar? “Essa comparação ainda não tinha ouvido. Mas temos sempre qualquer coisa de qualquer coisa. Fala-se também que tenho pose de diva. Acho isso de conotação negativa. Lembra-me mulheres frias e distantes. Das divas, só gosto do mistério. Agrada-me que pouca gente saiba que vivi em África (no Zaire) ou na ex-Jugoslávia – era enteada do diplomata e escritor Álvaro Guerra. Que sonhava em servo-croata.” E qual a origem remota da arte nos Vasconcelos?

“Eu [adianta-se António-Pedro], bem, houve um avô, juiz e estroina, que usava o período das férias judiciais para se dedicar às artes boémias, às mulheres, à caça. É o mais próximo de um artista. O meu pai era amigo do Teixeira de Pascoaes. Resto eu, cineasta do defeso. Um taxista é que me definiu bem como um comentador de futebol que às vezes faz filmes.” Já agora, de onde vem essa sociedade recreativa Vasconcelos & Vasconcelos? “Via pouco o meu pai, mas sempre que vinha a Portugal e estava com ele, era como entrar num filme, com as bandas sonoras do Brel, do Aznavour, do Léo Ferré... Para outra criança, seria uma seca. Eu rebobinava os discos vezes sem conta. Passava horas a copiar as letras. Cantei publicamente a primeira vez no dia do meu casamento o *I’ve Got a Crush on You*... Nesse dia, o meu pai disse-me: ‘Cantaste um tema que estava a pensar pôr no meu próximo filme.’ Quem o conhece sabe que ele estava a perguntar: ‘Queres cantar no meu próximo filme?’ Devo ter qualquer coisa para dar.” E ela tem o *swing*? “Tem. *It don’t mean a thing if it ain’t got that swing*.” De pai para filha. “Quando canto, transformo-me. Não controlo. É orgânico. Ganho uma expressão corporal que não corresponde nada à minha feminilidade. Adoro estar num palco. Via e revia o *Hello, Dolly* e a cena da Barbra Streisand a descer a escadaria com um vestido dourado. Era o sonho da minha vida. Poder sentir aquela *allure*. O palco é um espaço de liberdade e essa é das palavras que mais gosto na vida.” ■